
ARTIGO

**CONTATOS CULTURAIS NA PENÍNSULA ITÁLICA:
AS ESTATUETAS DE BRONZE.****MARIA ISABEL D'AGOSTINO FLEMING****Museu de Arqueologia e Etnologia -USP****INTRODUÇÃO**

Uma primeira inserção da produção das estatuetas de bronze no processo histórico da Península Itálica leva à imediata associação com o tipo de desenvolvimento por que passou a arte itálica. O grande repertório de tipos, de estilos e de formas dessas estatuetas indica que na história da cultura artística da Itália antiga, anterior ao completo domínio romano, não se pode nunca falar de um desenvolvimento unitário (Bianchi-Bandinelli, 1976: *passim*). Este é o primeiro dado que resulta evidente pela diversidade de povos que a ocuparam e a povoaram e, sobretudo, pelo diferente grau de desenvolvimento que em um mesmo momento os diversos povos tinham atingido. Conseqüentemente distinguiram-se diversas estratificações. Há o substrato das populações existentes na Itália no início da Idade do Ferro, anterior à colonização grega, que se mantém substancialmente imutado, ainda que tenha havido contatos externos na região costeira desde tempos remotos (sécs. XIV-XIII a.C.) através de correntes de comércio provenientes da bacia do Egeu. Há, em seguida, a chegada dos colonos gregos e a formação, nas cidades fundadas e administradas por eles, de uma arte colonial, ligada à metrópole, mas diferente da arte da Grécia. Há, ainda, o reflexo desta cultura artística grega sobre os centros indígenas.

Para compreender melhor as condições nas quais se desenvolveu a arte itálica, devemos levar em conta alguns caracteres da arte grega na Itália e na Sicília. De fato, assiste-se ao progressivo retrocesso a condições mais primitivas dos próprios artesãos gregos imigrados, os colonos, em relação a uma cultura artística originária grega. Isso aconteceu, seja pela mistura de várias proveniências dos próprios colonos gregos (entre os quais não faltavam os artesãos e os artistas), seja pelas exigências

mudadas da clientela que reagia de modo diferente daquela da metrópole, porque colocada em outro contexto social e espiritual; ou seja, enfim, pela mistura que teve lugar com os usos e costumes das populações indígenas com as quais os gregos entraram em contato.

Deve-se também mencionar que algumas cidades da Itália meridional e da Sicília não são o produto da colonização de uma única pólis grega; que nessas cidades confluíam colonos de ambientes de origem cultural diversa; que as colônias, que por sua vez derivavam de outras colônias, assumiam obviamente um caráter sempre mais remoto em relação ao da metrópole.

A autonomia colonial logo articulou-se através do peso cada vez maior que foram assumindo Siracusa, na Sicília; Cuma e Tarento, na Itália meridional. Este último centro terá um papel de liderança na arte do período helenístico.

O declínio da influência direta da metrópole e conseqüente abrandamento do espírito grego determinaram o renascimento das autonomias indígenas. As populações do interior, com efeito, sempre submetidas à civilização costeira colonial, das quais obtinham sugestões contínuas, se encontraram, pela fraqueza do mundo colonial, obrigadas a definir tendências próprias com conseqüentes manifestações originais. Essas manifestações permaneceram substancialmente as únicas válidas para um notável número de populações e por um longo período de tempo.

É, por isso, necessário compreender a fundo o fenômeno do mundo indígena no séc. V e na primeira metade de séc. IV. a.C.: não se trata, de fato, mais de um mundo que reagia ao colonial, diversificando-se antagonicamente em relação a ele, mas de um mundo que chegou, para sobreviver, a incorporar as próprias normas de civilização.

Ao lado do mundo colonial grego, parte fundamental do desenvolvimento da arte itálica apóia-se na civilização etrusca, que se afirmou na região delimitada pelo Arno e o Tibre, com uma oligarquia dominante, economicamente potente e que se manteve por séculos, sendo responsável por uma produção artística de alto luxo. É testemunho a documentação material de tumbas que reproduziam os ambientes requintados dos vivos e perpetuavam o orgulho de uma casta.

Nesta circunstância e nas possibilidades de ativíssimas trocas comerciais e de trabalho dado aos artesãos gregos estabelecidos na Itália meridional e na própria Etrúria, residem os pressupostos históricos da arte etrusca.

Na Itália pré-romana a arte etrusca permanece, sem dúvida, a manifestação artística mais original e mais rica, superando em quantidade e variedade mesmo a produção artística da Apúlia, da qual também, em um certo momento, a Etrúria extraiu elementos estruturais e ornamentais.

Com a maior afirmação do mundo indígena, a partir da metade do séc. IV a.C. se estabelece uma certa unidade de linguagem artística na Itália sub-apaninica. Prevaleceram nesta linguagem, qualitativamente, as versões ápuas e etruscas, estas mesmas fortemente influenciadas pelas primeiras; mas começavam a distinguir-se características da Campânia e do Lácio.

A partir de uma linguagem comum médio-italica, que estava se estabelecendo na Península no início do séc. III a.C., teria podido formar-se e caracterizar-se uma arte relativamente unitária e de um nível bastante elevado. O processo foi interrompido pela guerra anibálica, depois da qual restaram poucos documentos de uma cultura artística que não exprime uma linguagem articulada e na qual afloram elementos de várias proveniências e de vários acentos junto a resíduos de aquisição do helenístico. É sobre esta base, um tanto disforme e inconsistente que, com uma nova leva de obras e de artistas da Grécia, irá se constituindo a arte romana, que herdará dos predecessores itálicos e etruscos concepções de estrutura e simbologia iconográfica, mas, quanto à forma, bem pouco.

A PRODUÇÃO DE ESTATUETAS DE BRONZE NO CONTEXTO ARTÍSTICO-CULTURAL DA PENÍNSULA ITÁLICA

O quadro acima é o referencial que situa a produção artística e artesanal das estatuetas de bronze na Península Itálica em consonância com as tendências que variaram, conforme a maior ou menor intensidade dos contatos culturais em cada período e região, até o nascimento de uma unidade mais definida, renunciando a arte romana.

Assim, uma possível divisão cronológica são os períodos que tiveram seu início marcado por profundas modificações nas sociedades envolvidas na produção e consumo desses objetos desde o final da Idade do Bronze:

1. A Idade do Ferro (sécs. XII-VIII a.C.)
2. A fase orientalizante e a colonização grega (sécs. VIII-V a.C.)
3. O final do período clássico e o período helenístico (sécs. IV-I a.C.)

1. A Idade do Ferro (sécs. XII-VIII a.C.).

Na região dos Apeninos, no final da Idade do Bronze (séc. XIII a.C.), teve lugar uma cultura a que se convencionou chamar de “civilização apenínica”, a qual se desenvolveu mais na Itália meridional e se difundiu do sul para o norte. Das suas manifestações diferenciou-se mais tarde um aspecto “sub-apaninico”, em que se deve reconhecer uma fase distinta (sécs. XII-XI a.C.) que

representou um vasto fenômeno de unificação cultural. A esta segunda fase se usa estender o nome, também convencional, de “civilização vilanoviana”. Observada primeiramente na área centro-setentrional (a mesma área na qual mais tarde se desenvolverá a civilização etrusca) a “civilização vilanoviana” foi mais tarde reconhecida como extensa e particularmente florescente na Itália meridional entre a Campânia e a Lucânia. Esta civilização aparece como expressão, com variantes locais, de um tipo de cultura comum a populações diversas. Com a civilização vilanoviana da Idade do Ferro se forma efetivamente uma cultura unitária, ainda que com particularidades e atrasos locais, que, segundo Bianchi-Bandinelli (1976: 24), não tem nenhuma implicação étnica nem política.

Nas manifestações da arte figurativa vilanoviana, praticamente não houve espaço para estatuetas de bronze como elementos isolados. Elas estavam geralmente associadas a vasilhas de vários tipos, predominantemente com funções cerimoniais (urnas cinerárias, ossuários, vasos em forma de animais). Em grupos que representavam cenas do cotidiano, atividades de trabalho, batalhas, jogos ou cultos, essas figuras traziam as características formais de um certo primitivismo, tanto nos detalhes fisionômicos como na própria anatomia. O corpo cilíndrico, a cabeça apenas destacada de um longo pescoço, olhos salientes, cercados por um sulco, grande nariz triangular proeminente, as extremidades, mãos e pés, simplesmente esboçados com sulcos (Fig. 1).

Essas figurinhas estão em consonância com os exemplares da terracota aplicadas em vasos de impasto, que evoluíram de estatuetas isoladas, as quais, num momento histórico posterior à Idade do Ferro inicial, com a afirmação da colonização grega nas costas meridionais e sicilianas, e o rápido florescimento da cultura proto-etrusca no médio Tirreno, tiveram um vasto desenvolvimento e uma difusão bem maior. Essa produção de terracotas foi perdendo o significado original, predominantemente funerário para transformar-se em aplicações decorativas, ou em ex-votos oferecidos em santuários.



Fig. 1 - Ânfora em lâmina de bronze com figurinhas, séc. VIII a.C. Bizencio (Lago de Bolsena), necrópole Olmo Bello. Roma, Museu de Villa Giulia. R. Bianchi-Bandinelli, *Etruschi e Italichi Prima del Dominio di Roma*. Milão, 1976, nº 46.

Entre os centros de produção das figurinhas de bronze, a preponderância deve ser atribuída à Campânia, de onde provêm inúmeros bronzes decorados com carregadores de vasos, guerreiros, músicos, minotauros, macacos, cervos, gansos etc.. Segundo o local dos achados arqueológicos, resulta que esses objetos foram exportados para a Lucânia e a Daunia. Essa posição de liderança da Campânia é confirmada pela presença dos primeiros exemplos de uma escultura em pedra. São estatuetas votivas de pequenas dimensões que repetem tipos inalterados e fórmulas próprias da plástica reduzida.

2. A fase orientalizante e a colonização grega (sécs. VIII-V a.C.).

A última fase vilanoviana confirma-se coincidente com a civilização orientalizante, que devemos reconhecer como plenamente etrusca. A Campânia meridional, que apresentou um grande desenvolvimento vilanoviano, rapidamente evolui, como farão outros centros etruscos, para o orientalizante. Tem-se, portanto, a confirmação de dois fatos de grande importância cultural: o primeiro consiste numa

continuidade entre o período vilanoviano e o orientalizante, com uma interpenetração espontânea; o segundo evidencia que ao fundo espontâneo primitivo da cultura itálica vem sobrepor-se um patrimônio de formas mais cultas, fruto de elaboração secular em ambientes particularmente sensíveis à elegância e à correção da forma naturalística. O substrato primitivo reaparece sempre que falta o suporte da forma culta de derivação grega (Bianchi-Bandinelli, 1976: 45).



Fig. 2 - Fragmento de alça de enócoa de tipo ródio. Itália oriental, séc. VI a.C. Paris, Biblioteca Nacional. A - M. Adam, *Bronzes Etrusques et Italiques*. Paris, 1984, n° 20.

O período entre a metade do séc. VIII a.C. e o início do séc. V a.C. representa o momento da formação e da articulação de uma civilização colonial de um lado e, de outro, o da aquisição de motivos coloniais por parte das populações indígenas e a criação de manifestações, mesmo que esporádicas, de uma arte local (Adam, 1980: passim) (Figs. 2 e 3).



Fig. 3 - Arqueiro a cavalo, ornamento de urna cinerário (*lebes*). Cápua, séc. V a.C. Paris, Biblioteca Nacional. A.-M. Adams, *Bronzes Campaniens du V^e Siècle Avant J.-C. au Cabinet des Médailles*. In: *MEFRA*. 92 - 1980 - 2. N^o 892, fig. 1.

As estatuetas de bronze, a partir do período orientalizante, sobretudo dos centros etruscos (Vulci, Chiusi, Veio, Cerveteri, Caere) e das colônias gregas da Sicília e Itália meridional (Piceno, Campânia principalmente) tiveram um grande impulso. Elas podem ser divididas em duas categorias: a) figuras isoladas ou componentes de vasos e outros objetos do mobiliário, como tripés e candelabros predominantemente - muitas dessas estatuetas são de um nível técnico e artístico elaborado e as personagens representadas continuam a tradição iniciada no período vilanoviano em que eram retratadas cenas do cotidiano, religiosas, cultuais, de jogos, batalhas etc. (Figs. 4 e 5); b) a segunda categoria é a de ex-votos, em geral figuras com acabamento mais simples e, em sua quase totalidade representando divindades do panteão grego: Hércules, Ares, Zeus, Hermes, Atena, Apolo, são as principais (Figs. 6 e 7).

Além da grande difusão na Península Itálica, a partir do final do séc. VI - séc. V a.C., os ex-votos tiveram grande penetração ao norte, principalmente na Gália (Boucher, 1976:21 e ss.).



Fig. 4 - Figura masculina. Base de incensório (*thymiaterion*). Etrúria meridional, séc. V. a. C.. Paris, Biblioteca Nacional. A.-M. Adam, *Bronzes Etrusques et Italique*. Paris, 1984, n° 46.



Fig. 5 - Pé de cista: Hércules e Iolaos combatendo a Hídria. Vulci, séc. V a. C.. Paris, Biblioteca Nacional.. A.-M. Adam, *Bronzes Etrusques et Italiques*. Paris, 1984, nº 26.



Fig. 6 - Hércules. Castelbellino (Ancona), sécs. VI-V a. C.. Florença, Museu Arqueológico. G. Colonna, *Italia Arte In: Enciclopedia dell'Arte Antica*, vol. IV. Roma, 1963, nº 56 a.



Fig. 7 - Minerva. Todi, Etrúria, séc. V a. C.. Paris, Biblioteca Nacional A.-M. Adam, *Bronzes Etrusques et Italiques*. Paris, 1984, n.º 252.

3. O final do período clássico e o período helenístico (sécs. IV-I a.C.)

A civilização de tipo helenístico que se articulou sobretudo em Tarento e que, de lá, se difundiu em toda a Itália, teve muita ressonância, sobretudo, na Etrúria. A essa civilização corresponde, na Sicília, a cultura de Siracusa, que assimilou em grande medida motivos de Alexandria. O período que vai do final do séc. IV ao final do séc. III a.C., representa o apogeu da arte itálica, sob o ponto de vista da técnica e da adequação aos modelos canônicos (Fig. 8). Difunde-se uma prática de bom estilo que dá produtos suficientemente cultos e corretos, ainda que, às vezes, medíocres, muito próximos à produção greco-helenística (Adriani, 1970: 75 e ss.). Pode-se falar de uma Koiné cultural itálica que tende sempre mais a absorver em si o ambiente etrusco e lacial (Colonna, 1963:57).



Fig. 8 - Apolo. Etrúria, sécs. IV-III a.C.. Paris, Biblioteca Nacional. A.-M. Adam, *Bronzes Etrusques et Italiques*. Paris, 1984, n° 245.

Na passagem do séc. III para o séc. II a.C., as formas são marcadas por uma vulgarização, tornando-se também mais pesadas (Fig. 9). À medida que se entra no século II, este fenômeno se acentua. Causas de origem geral como, em primeiro lugar, a decadência das cidades da Magna Grécia, determinam o estabelecer-se de um clima artístico qualitativamente mais baixo e mais aberto às deformações expressionistas (Balty, 1962: 196 e ss.).

No séc. I a.C., o estilo adquire um aspecto claramente tardo-helenístico e vai perdendo progressivamente a originalidade de modo que, quase insensivelmente, adentra-se na produção romana do período de Augusto e da dinastia Júlio-Cláudia.



Fig. 9 - Figura masculina, ofertante com coroa de folhas. Etrúria centro-meridional, sécs. III-II a.C.. Paris, Biblioteca Nacional. A.-M. Adam, *Bronzes Etrusques et Italiques*. Paris, 1989, n° 319.

Em continuação ao período anterior, o período helenístico acrescentou outras personagens àquelas já consagradas entre os ex-votos de bronze. São as figuras femininas de ofertantes ou divindades de proveniência claramente oriental, como Cibele (Fig. 10).

CONCLUSÃO

A produção de estatuetas de bronze na Península Itálica, compreendida como fruto dos intensos contatos culturais ocorridos desde a Idade do Ferro até o séc. I a.C., apresenta uma enorme dificuldade de adequação a unidades de desenvolvimento da arte na Itália com possíveis seqüências entre si.

As unidades propostas neste trabalho, ainda que necessárias para sua exposição, apresentam um grave risco de homogeneização que não dá espaço às especificidades de



Fig. 10 - Figura feminina, ofertante. Carsoli, séc. II a. C.. Chieti, Museu Nacional. G. Colonna, *Italica Arte*. In: *Enciclopedia dell'Arte Antica*, vol. IV. Roma, 1963, nº 63.

algumas tradições mantidas apesar do peso da influência etrusca e grega na Península Itálica, pelo menos até o período helenístico. Além desses, há vários outros aspectos que não podem ser abordados em um trabalho de síntese e, entre eles, cabe destacar os repertórios iconográficos intimamente associados aos contextos de utilização das estatuetas ou figuras de bronze. É de especial interesse a distribuição das representações de figuras masculinas e femininas entre as estatuetas.

A abordagem desse problema leva ao confronto entre o mundo etrusco ou de influência etrusca (etrusco-itálico) e o mundo colonial grego, tendo como veículo dois tipos diversos de produções a partir do século VIII a.C.:

- a) objetos com decorações plásticas ou figuras isoladas de conotação funerária.
- b) ex-votos com sentido cultural.



Fig. 11 - Dançarina. Ornamento de recipiente (*cóttabos*) (?). Etrúria central, sécs. IV-III a.C.. Paris, Biblioteca Nacional. A.-M. Adam, *Bronzes Etrusques et Italiques*. Paris, 1984, n° 78.

As duas categorias de bronzes apresentam uma diferença de repertório iconográfico nitidamente associada às diferentes funções que desempenham esses objetos de luxo, funerários, ou religiosos. Entretanto, é no interior mesmo de cada uma dessas categorias de objetos que as diferenças tornam-se mais significativas, segundo pertençam ao contexto etrusco-itálico ou ao colonial grego. Um dos elementos diferenciadores é a presença da figura feminina assim distribuída:



Fig. 12 - Figura feminina, ofertante. Itália setentrional, séc. VII a. C.. S. Boucher, *Recherches sur les Bronzes Figurés de Gaule Pré-Romaine et Romaine*. BEFAR. Roma, 1976, fig. 7.

Contexto etrusco-italico

A figura feminina aparece nos objetos das duas categorias. Na categoria *a*, são freqüentes as representações de mulheres em cenas de gênero (Fig. 11). Também na categoria *b* (ex-votos), ao lado de figuras emprestadas ao panteão grego, onde são dominantes as divindades masculinas, à exceção de Atena, é representada a figura da ofertante ou fiel, continuando uma tradição baseada no substrato itálico dos séculos VIII-VII a.C. e, sem dúvida, com raízes orientais e ligações precisas a figuras descobertas na Ásia Menor (Boucher, 1976:17) (Figs. 12 e 13).



Fig. 13 - Figura feminina, ofertante com um pássaro. Etrúria setentrional, Vêneto, séc. VI a.C.. Paris, Biblioteca Nacional. A.-M. Adam, *Bronzes Etrusques et Italiques*. Paris, 1984, nº 223.

Contexto colonial grego

É interessante notar a rara presença feminina nas figurações de adornos de vasos de bronze com sentido funerário e de ex-votos de conotação cultural. Nos casos de representações femininas, os motivos são de clara influência etrusca como, por exemplo, os exemplares campânicos de vasos com decoração plástica dos sécs. VI-V a.C., quando a Campânia foi absorvida pela órbita cultural etrusca (Fig. 14). Quanto aos ex-votos, há uma evidente separação de repertórios distribuídos entre as estatuetas de bronze e as de terracota. Aos bronzes estão associadas predominantemente as divindades masculinas e Atena e, às terracotas, as divindades femininas, entre as quais Deméter, Perséfone, Hera, Afrodite.

É possível fazer um paralelo entre essa distribuição de repertórios de bronzes e terracotas coloniais com a produção grega, desde o século VIII a.C. até o período helenístico, ainda que se note entre os ex-votos de bronze gregos a presença esporádica de figuras femininas de ofertantes, praticamente ausentes na Península Itálica.

A separação dos repertórios de ex-votos de terracota e de bronze no mundo colonial grego entre os sécs. VIII-IV a.C. é um aspecto relevante da produção artística e artesanal da Sicília e da Magna Grécia que deixa entrever diferentes esferas de atribuição e associação a cultos de naturezas diversas, onde se opõem as divindades ligadas à fecundidade e fertilidade e as intimamente associadas ao mundo masculino, responsável pela eficiência na defesa dos territórios ocupados.

A partir do final do séc. IV a.C. diminui a produção de ex-votos de terracota da área colonial grega, ao mesmo tempo em que são introduzidas personagens do mundo profano. Quanto aos ex-votos de bronze, o repertório é ampliado com a presença de divindades e personagens absorvidas do mundo oriental, como Cibele, e que, em parte, substituem as anteriores de terracota ligadas à fertilidade - situação típica do amálgama formado pelas monarquias asiáticas e egípcias.

Comparando a produção de estatuetas de bronze dos mundos etrusco-itálico e colonial grego, vê-se, através da produção etrusco-itálica helenística, abrir o caminho para a intensa produção do mundo romano, que levou para confins distantes da Europa e Oriente as heranças recebidas dos povos da Península Itálica.



Fig. 14 - Sátiro e Mênade, ornamento de urna cinerária. Sta. Maria Capua Vetere, séc. V a.C.. Londres, Museu Britânico. R. Bianchi-Bandinelli, *Etruschi e Italici Prima del Dominio di Roma*. Milão, 1976, nº 139.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAM, A.-M. Bronzes Campaniens du Ve Siècle Avant J.C. au Cabinet des Médailles. *MEFRA*, 1980:155-190.

ADAM, A.-M. *Bronzes Etrusques et Italiques*. Bibliothèque Nationale. Paris, 1984.

ADRIANI, A. “La Magna Grecia nel Quadro dell’Arte Ellenistica”. *La Magna Grecia nel Mondo Ellenistico. Atti del Nono Convegno di Studi sulla Magna Grecia* (Taranto, 1969). Tarento, 1970:72-104.

BALTY, J. Ch. Dégadations sucessives d’un type d’Hercule italique. *Coll. LATOMUS*, LVIII (1962): 197-215.

BIANCHI-BANDINELLI, R. *Etruschi e Italici Prima del Dominio di Roma*. Milão, 1976.

BOUCHER, S. *Recherches sur les Bronzes Figurés de Gaule Pré-Romaine et Romaine*. BEFAR. Roma, Paris, 1976.

COLONNA, G. Italica Arte In: *Enciclopedia dell’Arte Antica*, vol. IV. Dir. R. Bianchi- Bandinelli e G. Becatti. Roma, 1963.